

Rosa Gabriella de Castro Gonçalves
Universidade Federal da Bahia

A repressão do corpo na pintura modernista

A crítica formalista elaborada por Clement Greenberg elegeu, como sucedâneo do expressionismo abstrato, a Color-Field Painting, uma maneira de pintar que teria sido bem sucedida no processo de auto-crítica, na medida em que teria chegado à essência daquilo que deveria ser a linguagem pictórica: grandes e inteiramente bidimensionais campos de cor, nos quais qualquer sinal de figuração poderia ser interpretado como ruído. Voltada unicamente para o sentido da visão, a pintura modernista pressupõe uma visão desencarnada. Desde Vanguarda e Kitsch Greenberg preconizava uma educação do olhar que implicava reprimir suas associações a outros sentidos e esse olho autônomo e auto-suficiente se consolidou ainda mais ao longo das décadas no interior do pensamento de Greenberg e na pintura dos artistas que para ele representavam o verdadeiro modernismo. Porém, a despeito dessa disciplina imposta pela crítica, o que se observa é que o corpo esteve intensamente presente nos artistas abordados por Greenberg, como Jackson Pollock, inteiramente dependentes de um exercício de alternância entre controle e extravasamento do gesto, implicando respiração, ritmo e desejo. Na comunicação exploraremos a corporeidade latente na pintura modernista, negada pelo crítica formalista e sua subsequente eclosão no trabalho de pintoras como Helen Frankenthaler, Joan Mitchel e Grace Hartigan.
